

O SOL DA LIBERDADE

Cliente: **Vieira & Lent Casa Editorial**
 Produto: **O Sol da liberdade**

Apresentação

A liberdade é um Sol

NESTA OBRA, LUIZ CARLOS MACIEL, NOS TRAZ REFLEXÕES SOBRE TEMAS ATUAIS, ENSAIOS, ENTREVISTAS E ALGUMAS EXPERIÊNCIAS QUE VIVENCIOU E QUE MARCAMAM SUA VISÃO DE MUNDO. UMA VISÃO PERMEADA POR HORIZONTES DE INFLUÊNCIA E POSSIBILIDADES: DE PHILIP K. DICK A JÜRGE MAHTER, DE BAUDRILLAT A ISABEL CÁMARA, DE NORMAN MAILER ÀS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS DA SEITA UNIAO DO VEGETAL.

Descondicionamento e criação, como sugere o pensamento orientalista, Maciel passa pelos escombros da pós-modernidade e o fim da história em *A política da insanidade* — capítulo que trata do engastamento de um modelo linear de representação para explicar a história da humanidade — e o início de sua reversão, como concebe o filósofo Jean Baudrillard. Esta reversão se reflete na ascensão do discurso da direita, da política imperialista norte-americana, das teorias conspiratórias e de um efeito perverso que desloca o mundo real para o virtual. É o início da chamada “Era da Mediocridade” que, segundo Maciel, tem como característica principal o conservadorismo,

20

LUIZ CARLOS MACIEL

“O Sol é Deus” e, então, concluiu: “a liberdade é um Sol, o Sol é a liberdade”. A liberdade é a existência de Deus.

A ontologia da liberdade realizada por Maciel nesta obra faz referências aos pensadores que trouxeram à tona as questões do ser e da liberdade, a despeito de todas as formas que engastaram-se utilizas para aprisionar o indivíduo e distraí-lo de sua capacidade de gerir o próprio caminho.

Que o Sol da liberdade irradie sua força sobre nós.

Patrícia Marcondes de Barros
 Doutora em História/Ufesp,
 Pesquisadora da contracultura no Brasil

1. A política da insanidade

Mais está fatiada o teu dorso
 Mais estendido e pobre o véu.
 Com um sorriso insensato
 Como uma fera um tempo gracioso
 Te ir estiva para trás, para a frente,
 Para contemplar as tuas pernas.

Giorgio Agamben

16

LUIZ CARLOS MACIEL

principalmente, o da juventude atual, a “geração facebook” — conectada às novas tecnologias de comunicação. Simulacro, “compartilhamentos e curtidas” num mundo de efemeridade e de liquidez de significados. Analisa o movimento juvenil brasileiro, que se tornou conhecido por muitos como “a revolução dos vinte centavos”, e traça um paralelo com James Joyce e aquilo que chama de “barre como everyday”.

Em *Contracultura e erotismo*, passamos para a discussão da contracultura, tema que ainda hoje suscita polêmica. Muitos negam que tenha sido um marco, uma transição entre os pensamentos modernos e pós-modernos, e o caracterizam como um projeto imaturo, subjetivo, individualista e utópico, que foi facilmente cooptado pelo sistema capitalista. Outros tentam teorizar o que não é descritível: o espírito de uma época, o aspecto diotímico, o lúdico e o caráter da experimentalidade em todos os gestos. Ao significar tal movimento, o petrificam.

A busca por uma existência autêntica levou parte da juventude dessa época a ampliar o conceito de política, estendendo-o ao corpo, ao comportamento dos indivíduos, à questão sexual. As considerações marxistas já não respondiam aos novos paradigmas que se impunham. Aqui, o autor aborda o tema (e a necessidade de transcender, superar a questão sexual) através da literatura erótica, da magia sexual de Aleister Crowley (“Todo homem e toda mulher é uma estrela” [sic]), da perversão polimorfa das ideias de Herbert Marcuse sobre sexualidade e sociedade, e de Norman Mailer, a favor do sexo como manifestação de vida. Apresenta ainda uma entrevista que fez para a revista *Sexy* com o escritor João Ubaldo Ribeiro em ocasião do lançamento de seu livro *A Casa de Budaçu* (1999). O tema em questão era o sexo na literatura.

Em *Eterna, efêmera vanguarda*, traz reflexões sobre política cultural no Brasil, entrevistas e algumas impressões

17

O SOL DA LIBERDADE

sobre personalidades, como a escritora Isabel Câmara (1940-2006), Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rogério Duarte, José Agripino de Paula e o pesquisador norte-americano Christopher Dunn. Este último, segundo as palavras de Maciel, “tem uma relação no mínimo kármica com o Brasil”, causada por sua identificação e também pela profundidade com que desenvolveu seus estudos sobre a cultura brasileira, especificamente, o movimento tropicalista.

Os pressupostos filosóficos que noticaram o pensamento de Maciel, desde sua juventude, manifestam-se nos ensaios dos capítulos seguintes: *O uso da filosofia e a transcendência/transcendência*. Nestes dois momentos do livro, apresenta suas reflexões acerca do pensamento filosófico, principalmente o existencialismo sartriano e o marxismo, movimentos que o influenciaram profundamente, além de seu professor na universidade, no curso de Filosofia, Gerl A. Bornheim. Com Bornheim, Maciel iniciou os estudos sobre o Romantismo *Sturm Und Drang* (Tempestade e Impeto), que se tornaria uma importante referência para seu pensamento no que tange ao orientalismo. Bornheim afirma: “o romantismo coerente deveria tornar-se um visionário, bastante próximo do misticismo oriental”.

“Da história para o mistério”, como visiona Norman O. Brown, a orientalização do Ocidente foi um dos caminhos da geração da contracultura. A questão não era negar o racionalismo da filosofia ocidental, mas criticar que o mesmo seja colocado como paradigma, única forma de ser, sentir e pensar.

Em *O uso cego*, poesia de Maciel, que nos conta também sobre suas experiências com a morte.

Quando lhe perguntei sobre a inspiração para o título deste livro, *O Sol da liberdade*, Maciel falou sobre sua experiência com a seita religiosa União do Vegetal. Para ele, sob os efeitos alucinógenos de *ayahuasca*, a doutrina foi explicada:

Norman O. Brown e o HCE de Joyce

AINDA NO COMEÇO DE 2013, quando já havia terminado os textos que formam este volume, li finalmente o terceiro livro da célebre trilogia de Norman O. Brown, que começou com *Life Against Death* (1959) e *Love's Body* (1966). O livro intitula-se *Idolatry and/or Metemorphosis* (1991), trata-se de uma coletânea de ensaios sobre os mais intrigantes temas da atualidade do pensamento ocidental, o que resultou no livro mais fascinante que li nos últimos tempos. Brown fala sobre o pensamento dissociativo, na necessidade de ir além de Marx — em vez de ficar aqui ou dele, como fazem nossos supostos “pensadores” de plantão na mídia. —, da visão do islamismo, de Spinoza, de Nietzsche, Bataille e Maus e, em suma, de nossa aparente alternância entre o apocalipse e a metamorfose. Ao contrário de Baudrillard, Brown não se reverteu nenhuma na História, mas sim o seu avanço inesorável para o apocalipse ou para a metamorfose — ou ambos.

Brown proclama o advento de uma “nova verdade”, que é nada mais nada menos do que a seguinte: a população terrestre,